

# A NOTRE-DAME DE PARIS

RIO DE JANEIRO. -- OS PRIMEIROS ARMAZENS DO IMPERIO NA ESPECIALIDADE DE FAZENDAS E MODAS. -- RIO DE JANEIRO.

PREÇO FIXO

E A' VISTA

RUA

LARGO DE

SÃO

Francisco de Paula

E

TRAVESSA

DO

OUVIDOR

ROSARIO

NOËL DÉCAP



O systema de vender com pequeno lucro e a maior boa fé é absoluto no estabelecimento de NOTRE-DAME DE PARIS.

A este principio, sincera e lealmente applicado, é devida uma accitação nunca desmentida até hoje.

E' franca a entrada no estabelecimento.

Em cada objecto ha um rotulo, no qual se acha marcado em algarismos o *preço fixo*.

Toda e qualquer mercadoria comprada que não corresponde á garantia dada ou não agrada, é sem difficuldade trocada ou o seu importe restituído, á vontade do comprador.

Quer se deseje visitar os armazens ou fazer compras, quer tomar informações, pedir troca de artigos ou restitução do seu importe, em todos os casos é prescripta aos empregados a maior cortezia. Devem elles apontar qualquer defeito das mercadorias e afiançar tão sómente as reconhecidamente boas.

Roga-se ás pessoas que tiverem de apresentar reclamações o favor de dirigirem-se á *Caixa*, onde serão sempre tomadas em consideração as suas queixas.

A administração remette, livres de despeza, para as provincias, ainda as mais afastadas, as amostras e preços correntes que lhe são pedidos, responde sem demora a todas as cartas, avia com toda a brevidade os artigos encomendados e manda por circular aos seus freguezes e ás pessoas que lhe communicarem o seu nome e residencia aviso das *Exposições e Vendas annuaes*.

Para as encommendas por cartas, taes como confections e costumes, quer para senhoras, quer para crianças, mandar um corpinho que assente bem.

## REVELAÇÕES PHYSIOLÓGICAS

## O NARIZ

TODA A GENTE TEM NARIZ?

Toda a gente tem nariz?

Eis em verdade uma singular pergunta á qual, á primeira vista, parece inutil responder, mas que no entanto deve ficar resolvido antes de irmos mais longe.

Certo dictado latino — o os dictados são a sabedoria das nações — previu esta pergunta, a que dá esta resposta:

*Non enique datum est habere nasum!*

Não é dado a todos ter nariz!

Comprehendo bellamente que uma tão inesperada afirmação cause espanto, e prevejo objecções. — Não apresentou o senhor o nariz, dir-me-ão, como o caracter distinctivo da humanidade?

Ora, si o nariz é uma das feições essencialmente

humana; si o nariz é o homem, como ousadamente o affirmou, não ha hoje flagrante contradicção em declarar que nem todo homem tem nariz?

A isso responderei que se não devem tomar as coisas sob um ponto de vista absoluto.

Vou, em duas palavras, demonstrar que a minha asserção presente em nada absolutamente destróe a outra.

Ha nariz e nariz.

Isto é uma verdade incontestavel.

Fallar assim é dar a entender que ha uma infinita variedade de narizes.

Além disso, não ouvimos todos os dias, em torno de nós na linguagem figurada do populacho, expressões triviaes do genero destas:

— Que *penca!*

— Que *batafá!*

— Que *narigão!* etc.

Estas expressões, na sua chata vulgaridade, não nos parecem talvez dignas de fixar a nossa attenção; mas si nos sentarmos durante um quarto de hora em

qualquer café e si observarmos a compacta multidão, reconheceremos de prompto toda a propriedade dessas grotescas denominações.

Sem duvida ainda vos não lembrastes nas festas nas numerosas aggregações de homens assistindo a desfilas de corporações, de sociedades orphicas, de fazer um exame attento dos narizes que passam por diante dos vossos olhos.

Que ensinamento, que grandioso ensinamento colherieis dessa divertida inspecção!...

Ainda melhor seria si vos fosse dado ir explorar algumas das regiões selvagens da Africa equatorial da Laponia ou da Australia; porque vendo esses homens primitivos, de feições mal esboçadas, hesitareis mais um só instante em concordar com o que esse nariz, esse verdadeiro nariz de que eu fallos fallar dizendo que as suas linhas correctas e precisas constituem o perfil humano, não é tão commum como se pensa.

\*\*



O TUMULO DOS MAMELUCOS.

Lavater fez uma especie de escala de comparação desenhando uma serie de figurinhas, cujo ponto de partida é o focinho do irracional, e que, elevando-se por mil gradacões, vai, passando por todos os grãos, até ao perfil grego, até ao homem typico, a Apollo.

Estudando essa singular successão de typos, encontram-se os primeiros esboços do nariz humano nas especies animaes que mais se approximam do homem: o leão e o macaco têm já alguns vestigios do perfil humano.

Nestes a arcada superciliar é proeminente, o nariz destaca-se da face, o olho já não é redondo, e a commissura das palpebras accentua-se e allonga-se.

Si se desce, ao contrario, a escala dos seres, vê-se, á medida que o animal se afasta da humanidade, que a linha do perfil se modifica profundamente, e quando se chega ao peixe e ao passaro já nada se encontra do perfil humano.

Voltando sobre os nossos passos, si fizermos o mesmo exame entre os typos mais elementares da huma-

nidade, descobriremos assignaladas, analogias com os irracionais.

Os homens das raças inferiores têm, effectivamente, a fronte deprimida, o nariz como que se derrama no rosto, o labio superior é proeminente, o continúa a linha do nariz.

Que profunda differença entre esses typos selvagens e o rosto do homem intelligente e superior!

Que salientes approximações os assimilam á animalidade!

Sobre isto não pôde haver a minima duvida: ha *animas-homens* e *homens-animas*, exactamente como em outra escala da grande e universal serie ha os *mineraes-plantas* e as *plantas-animas*.

A natureza é admiravel na sua producção: nada faz de um salto; eleva-se deste para áquelle grão, na sua sublime e eterna marcha, por meio de gradacões multiplas e impalpaveis!

Quem pôde dizer: aqui acaba o mineral, aqui começa o vegetal?

Não tem delimitação!

Não ha uma linha, visivel, de demarcação!

Cada termo da grande progressão funda-se precedente sem transição perceptivel!

Entre o irracional e o homem não ha, pois, como imagina muita gente, uma separação intransitavel, não existe, não pôde existir na obra da criação uma lacuna que isole o homem da multidão dos seres!

Nós os homens temos uma predisposição para isolarmos no concerto da natureza e tudo referir-nos; é o resultado de um orgulho louco, que perdemos facilmente.

Cumpra, entretanto, que nos rendamos á evidencia da sciencia nestes ultimos tempos descarregou o rude golpe nessa falsa creença.

\*\*

Confessemos! — o pois o laço que nos une ao animal é estreito e apertado; não ha para nós nenhuma gra de excepção.

A lei que preside á grande obra é *uma* no seu principio, invariavel na sua essencia, adequada a to-

Será luctura supôr que essa lei está annullada em favor do homem,

Antes da sciencia ter esclarecido o nosso mundo com os seus descobrimentos, era natural que a humanidade se deixasse levar por enganadoras esperanças.

Observando essas numerosas series de diversos seres que, partindo de baixo, sobem até elle e estão sujeitos ao seu imperio, o homem, na sua ignorante credulidade, pensou que era o fim, o ponto *summum*

dessa hierarchia, e que acima delle não havia mais nada... a não ser o seu Creador!

Rejubilou por espaço de muitos seculos com este pensamento, lisongeiro para o seu amor proprio e para o seu orgulho; mas a sciencia veio despertalo do erro; mostrou-lhe esses mundos infinitos que gyram no espaço, e esses sóes que os illuminam com o seu eterno esplendor; abriu-lhe horisontes novos.

Então o homem vio com uma surpresa cheia de admiração e de religioso estupor que, *senhor e gran-*

*de* no seu globo terrestre, era infinitamente pequeno em face dessa immensidade grandiosa onde se dobra a vida universal em todas as suas phases.

Comprehendeu que era um simples anel desta cadeia que se vae perder no infinito do espaço.

Collocada entre o mundo tangivel em que pisamos e os mundos ignorados que rodopiam por sobre a sua cabeça, o homem é o traço de união que liga esta grande serie universal das coisas creadas em uma só e mesma ordem.



TEM GOSTO PARA A MÚSICA — QUADRO DE R. BEVENHAG.

E' por isso que o homem participa de duas naturezas, da natureza *material* e grossiera de que procede e da natureza *espiritual* e celeste para a qual tende.

Tem em si o cunho da *animalidade*, de onde vem, a qual está ainda intimamente ligada, e ao mesmo tempo possui o sello divino da *espiritualidade*, que o liga aos grãos superiores para os quaes progride.

Ora, como o fórma é a expressão do Ser, deve ha-

ver no envoltorio material do homem o signal desses dous estados.

Assim, entre o Ser que mal transpõe a passagem estreita que separa o animal do homem e o que chegou ao vertice da hierarchia humana, ha uma differença profunda, tão grande talvez como a que separa o polypo do homem.

Essa differença está gravada na fórma exterior.

No perfil de um ha a inclinação, as curvas, as

inflexões do focinho do irracional; no perfil do outro as linhas nitidas e puras; do verdadeiro nariz humano, do magestoso perfil do Ser, elevado, intelligente e moral.

Assim, pôde-se dizer com toda a segurança, repetindo o ditado latino que citamos no começo deste artigo:

*Non cuique datum est habere sensum!*

AFONSO BUI.

LITTERATURA

O CASO DA VIUVA

(CONCLUSÃO)

VI

Segundo o Rochinha confessou á prima, a dor que elle prdeceu com a noticia do casamento não podia ser descripta por nenhuma lingua humana. E, salvo a exaggeração, a dor foi isso mesmo. O pobre rapaz rolou de uma montanha ao abysmo, expressão velha, mas unica que pode dar bem o abalo moral do Rochinha. A ultima conversa da prima com Maria Luiza tinha-o, principalmente enchido de esperanças, que a filha de Toledo cruelmente desvaneceu. Um mez depois do casamento o Rochinha embarcava para a Europa.

A prima deste não rompeu as relações com Maria Luiza, mas as relações esfriaram um pouco; e nesse estado duraram as cousas até seis mezes. Um dia encontraram-se casualmente, fallaram de objectos frivolos, mas a tristeza de Maria Luiza era tamanha, que feriu a attenção da amiga.

- Estás doente? disse esta.
-- Não.
- Mas tens alguma cousa?
- Não, nada.

A amiga suppoz que houvesse algum desacordo conjugal, e, porque era muito curiosa, não deixou de ir alguns dias depois á casa de Maria Luiza. Não viu desacordo nenhum, mas muita harmonia entre ambos, e extrema benevolencia da parte do marido. A tristeza de Maria Luiza tinha momentos, dias, semanas, em que se manifestava de um modo intenso; depois apagava-se ou diminuia, e tudo voltava ao estado habitual.

Um dia, estando em casa da amiga, Maria Luiza ouviu ler uma carta do Rochinha, vinda nesse dia da Europa. A carta tratava de cousas graves; não era alegre nem triste. Maria Luiza empallideceu muito, e mal pôde dominar a commoção. Para distrair-se abriu um album de retratos; o quarto ou quinto retrato era do Rochinha; fechou apressadamente e despediu-se.

- Maria Luiza ainda gosta delle, pensou a amiga.

Pensou isto, e não era pessoa que se limitasse a pensal-o: escreveu-o logo ao primo, accrescentando esta reflexão: « Se o Vieira fosse um homem polido, espichava a canella e você... »

O Rochinha leu a carta com grande saudade e maior satisfação; mas fraqueou logo, e achou que a noticia era naturalmente falsa ou exaggerada. A prima enganava-se, de certo; tinha o intenso desejo de os ver casados, e buscava alimentar a chamma para o fim de uma hypothese possivel. Não era outra cousa. E foi essa a linguagem da resposta que lhe deu.

Ao cabo de um anno de ausencia, voltou o Rochinha da Europa. Vinha alegre, juvenil, curado; mas, por mais que viesse curado, não pôde ver sem commoção Maria Luiza, dahia a cinco dias, na rua. E a commoção foi ainda maior, quando elle reparou que a moça empallidecera muito.

- Ama-me ainda, pensou elle.

E esta ideia luziu no cerebro delle e o accendeu de muita luz e vida. A ideia de ser amado, apesar do marido, e apesar do tempo (um anno!) deu ao Rochinha uma alta ideia de si mesmo. Pareceu-lhe que, rigorosamente o marido era elle. E (cousa singular!) falou do encontro á prima sem lhe dar noticia da commoção delle e de Maria Luiza, nem da suspeita que lhe ficara de que a paixão de Maria Luiza não morrera. A verdade é que os dous encontraram-se segunda vez e terceira, em casa da prima do Rochinha, e a quarta vez na casa do proprio Vieira. Toledo era morto. Da quarta vez á quinta vez, a distancia é tão curta, que não vale a pena falar disso, senão para o fim de dizer que vieram logo atraz a sexta, a septima e outras.

Para dizer a verdade toda, as visitas do Rochinha não foram animadas nem até desejadas por Maria Luiza, mas por elle mesmo e pelo Vieira, que desde o primeiro dia achou-o extremamente sympathico. O Rochinha desfazia-se, na verdade, com o marido de Maria Luiza; tinha para elle as mais finas attentões, e desde o primeiro dia desacanhou-o, por meio de uma bonhomia, que foi a porta aberta da intimidade.

Maria Luiza, ao contrario, recebeu as primeiras visitas do Rochinha com muita reserva e frieza. Achou-as até de máo gosto. Mas é difficil conservar uma opinião, quando ha contra ella um sentimento forte e profundo. A assiduidade amaciou as asperezas, e acabou por avigorar a chamma primitiva. Maria Luiza não tardou em sentir que a presença do Rochinha lhe era necessaria, e até pela sua parte dava todas as mostras de uma paixão verdadeira, com a restricção unica de que era extremamente cautelosa, e, quando preciso, dissimulada.

Maria Luiza atterrou-se logo que conheceu o estado do seu coração. Ella não amava o marido, mas estimava-o muito, e respeitava-o. O renascimento do amor antigo pareceu-lhe uma perfidia; e desorientada, chegou a ter ideia de contar tudo a Vieira; mas retrahiu-se. Tentou então outro caminho, e começou a fugir das occasiões de ver o antigo namorado; plano que não durou muito tempo. A assiduidade do Rochinha teve interrupções, mas não cessou nunca de todo, e ao fim de mais algumas semanas, estavam as cousas como no primeiro dia.

Os olhos são uns porteiros bem indiscretos do coração; os de Maria Luiza, por mais que esta fizesse, contaram ao Rochinha tudo, ou quasi tudo o que se passava no interior da casa, a paixão e a luta com o dever. E o Rochinha alegrou-se com a denuncia, e pagou aos delatores com a moeda que mais o podia seduzir, por modo que elles dahi em diante não tiveram outra cousa mais conveniente do que proseguir na revelação começada.

Um dia, animado por um desses colloquios, o Rochinha lembrou-se de dizer a Maria Luiza que elle ia outra vez para a Europa. Era falso; não pensara sequer em semelhante cousa; mas se ella, atterrada com a ideia da separação...

ração. lhe pedisse que não partisse, o Rochinha teria grande satisfação, e não precisava de outra prova de amor. Maria Luiza, com effeito, empallideceu.

- Vou naturalmente no primeiro paquete do mez que vem, continuou elle.

Maria Luiza baixara os olhos; estava offegante, e lutava consigo mesmo. O pedido para que elle ficasse esteve quasi a soltar-lhe do coração, mas não chegou nunca aos labios. Não lhe pediu nada, deixou-se estar pallida inquieta, a olhar para o chão, sem ousar encaral-o. Era positivo o effeito da noticia; e o Rochinha não esperou mais nada para pegar-lhe na mão. Maria Luiza estremeceu toda, e ergueu-se. Não lhe disse nada, mas affastou-se logo. Momentos depois, saia elle reflexionando deste modo:

- Faça o que quizer, ama-me. E até parece que muito. Pois...

VII

Oito dias depois, soube-se que Maria Luiza e o marido iam para Theresopolis ou Nova Friburgo. Dizia-se que era molestia de Maria Luiza, e conselho dos medicos. Não se dizia, contudo, os nomes dos medicos; e é possivel que esta circumstancia não fosse necessaria. A verdade é que elles partiram rapidamente, com grande magua e espanto do Rochinha, espanto que, aliás, não durou muito tempo. Elle pensou que a viagem era um meio de lhe fugir a elle, e concluiu que não podia haver melhor prova da intensidade da paixão de Maria Luiza.

Não é impossivel que isto fosse verdade; essa foi tambem a opinião da amiga; essa será a opinião da leitora. O certo é que elles seguiram e por lá ficaram, enquanto o Rochinha meditava na escolha da enfermidade que o levaria tambem a Nova Friburgo ou Theresopolis. Andava nessa indagação, quando se recebeu na corte a noticia de que o Vieira succumbira a uma congestão cerebral.

- Feliz Rochinha! pensou cruelmente a prima, ao saber da morte do Vieira.

Maria Luiza desceu logo depois de enterrar o marido. Vinha sinceramente triste; mas excepcionalmente bella, graças ás roupas pretas.

Parece que, chegada a narrativa a este ponto, dispensar-se-hia o auxilio do narrador, e as cousas iam por si mesmas. Mas onde ficaria o caso da viuva, que deu que fallar a um bairro inteiro? A amiga perguntou-lhe um dia se queria enfim casar com o Rochinha, agora, que nada mais se opponha ao consorcio de ambos.

- Elle é que o pergunta? disse ella.
-- Quem o pergunta sou eu, disse a outra; mas ha quem ignore a paixão delle?
- Crês que me ame?
- Velhaca! tu sabes bem que sim. Vamos la; queres casar?

Maria Luiza deu um beijo na amiga; foi a sua resposta. A amiga, contente enfim, de realisar a sua primitiva ideia, correu á casa do primo. Rochinha hesitou, olhou para o chão, torceu a corrente do relógio entre os dedos, abriu um livro de desenhos, arranjou um cigarro, e acabou dizendo que...

- Que? perguntou anciosa a prima.
- Que não, que não tinha ideia de casar.
A estupefacção da prima daria outra novella. Tal foi o caso da viuva.

MACHADO DE ASSIS.

POESIA

UM DEDO

Deixem-se outros prender dos vossos negros cabellos nos elos; e felizes se julgarem sómente ao imaginarem que presos podem morrer.

Deixem-se outros abraçar de vossos olhos nos raios, e nos mais doces desmaios sentir a vida fugir ao sentir que os não podeis vós amar.

Deixem-se todos perder nesses espaços immensos suspensos nas amplidões infinitas: eu só me encanto ao ouvir essas palavras bonitas, esses divinos segredos, que ao bailarem no piano sabem dizer vossos dedos.

Th. C.

BIBLIOGRAPHIA

Com o titulo Cantos do Epuador o Sr. Dr. Mello Moraes filho publicou um elegante volume de versos, que se divide em tres partes: Serões e florestas, Nocturnos e phantasias, e poemas da escravidão.

Não é um nome novo nas letras o deste poeta: conhece-o o publico de varias produções insertas nos periodicos.

Não lhe falta tam pouco o attributo substancial a mens, divinor, do feiteiro Horacio; mas o seu verso não é artistico, bastantemente artistico, claro, sonoro, limpido; não tem a rijeza d'aco da poesia moderna, nem a arte graciosa dos tempos brilhantes do romantico; e o alexandrino principalmente, cumpre dizel-o, não n'o possui a sua Musa.

Não obstante, contem este livro mais de uma produção estimavel que traduz com certo colorido vivido a larga magestade da natureza americana; e dessas citaremos a Ponte de lianas, Tarde tropical, etc.

A ultima parte do livro, que é a mais sympathica e talvez a mais sentida, foi posta ao serviço de uma grande causa—á da abolição.

-Do Porto chega-nos um util e curioso livro -A mulher atravez dos seculos por Marques Gomes.

E' um erudito estudo historico sobre a condição politica, civil, moral e religiosa da mulher nas sociedades primitivas: China, India, Persia, Assyria, Egypto e Israel.

Curioso livro, dissemos; e, para proval-o, basta citar a cerimonia a que dá lugar um casamento na China:

No dia aprazado dirige-se o noivo, ricamente vestido, á casa da futura esposa, para a acompanhar á sua nova habitação. Despede-se ella então, com lagrimas nos olhos, de todos os seus.

A mãe acompanha-a até á porta, e ali lhe dá os ultimos conselhos. Sob a um palanquim galhardamente ornado, e lá vai caminho da habitação conjugal.

O cortejo parece um sahimento funebre. Atraz da noiva vão seguindo em alas muitas pessoas de differente qualidade e sexo, de tochas acesas, ainda que em pleno dia. E' tradicional e antiquissimo este uso. Commemora ainda hoje a epocha em que as casamentos se celebravam de noite.

-O Sr. Felix Ferreira, conceituado livreiro e escriptor, obsequiou-nos com um exemplar de uma Grammatica franceza segundo o methodo de Ahn.

Percorremol-a apenas; mas quer-nos parecer que é muito propria e adequada aos principiantes e para os que querem aprender.

Agradecemos a offerta.

MOSAICO

A lisonja é como a moeda falsa: empobrece quem a recebe.

Mme WOILLER.

A fortuna não muda os homens, desmascara-os.

Mme RICCOBIN.

Pouca cousa nos consola, porque com pouca cousa nos affligimos.

PASCAL.

É perigoso lembrar de mais ao homem que é igual aos outros animaes, sem lhe mostrar a sua grandeza.

E tambem perigoso lembrar-lhe de mais a sua grandeza, sem lhe fazer conhecer a sua inferioridade.

Mais perigoso, porém, é deixal-o ignorar uma e outra cousa.

PASCAL.

Si quereis que uma cousa se ignore, não n'a pratiqueis.

PROVERBIO ORIENTAL.

Para ter bons amigos é mister saber adquiril-os e conserval-os.

LA ROCHEFOUCAULD.

A liberalidade consiste menos em dar muito do que dar a proposito.

LA BRUYÈRE.

O amor antes do casamento parece um prefacio curto a um livro comprido.

P. SENN.

O ciume grosseiro é a desconfiança dos cutros; o ciume delicado é a desconfiança de si mesmo.

Mlle DE L'ESPINASSE.

O genio é como um espelho concavo: quanto mais longe está, maior claridade reflecte.

\*\*\*

Este conto deve ser lido especialmente pelas viúvas de vinte e quatro a vinte e seis annos. Não teria mais nem menos a viúva Camargo, D. Maria Luiza, quando se deu o caso que me proponho contar nestas paginas, um caso « triste e digno de memoria » posto que menos sangrento que o de D. Ignez. Vinte e seis annos; não teria mais, nem tanto; era ainda formosa como aos dezeseite, com o accrescimento das roupas pretas que lhe davam grande realce. Era alva como leite, um pouco descolorida, olhos castanhos e preguiçosos, testa larga, e talhe direito. Confesso que essas indicações são mui geraes e vagãs; mas conservo-as por isso mesmo, não querendo accentuar nada neste caso, tão verdadeiro como a vida e a morte. Direi somente que Maria Luiza, nasceu com um signalzinho côr de rosa, junto á boca, do lado esquerdo, (única particularidade notada) e que foi esse signal a causa de seus primeiros amores, aos dezoito annos.

— Que é que tem aquella moça ao pé da boca? perguntava o estudante Rochinha a uma de suas primas, em certa noite de baile.

— Um signal.

— Postiço?

— Não, de nascença.

— Feia cousa! murmurou o Rochinha.

— Mas a dona não é feia, ponderou a prima, é até bem bonita...

— Póde ser, mas o signal é hediondo.

A prima, casada de fresco, olhou para o Rochinha com algum desdem, e disse-lhe que não desprezasse o signal, porque talvez fosse elle a isca com que ella pescasse, mais tarde ou mais cedo. O Rochinha levantou os hombros e fallou de outro assumpto; mas a prima era inexoravel; ergueu-se, pediu-lhe o braço, levou-o até o logar em que estava Maria Luiza, a quem o apresentou. Conversaram os tres; tocou-se uma quadrilha, o Rochinha e Maria Luiza dansaram, depois conversaram alegremente.

— Que tal o signal? perguntou-lhe a prima, á porta da rua no fim do baile, enquanto o marido accendia um charuto e esperava a carruagem.

— Não é feio, respondeu o Rochinha; dá-lhe até certa graça; mas d'ahi á isca vai uma grande distancia.

— A distancia de uma semana, tornou a prima rindo. E sem aceitar-lhe a mão entrou na carruagem.

Ficou o Rochinha á porta, um pouco pensativo, não se sabe se pelo signal de Maria Luiza, se pela ponta do pé da prima, que elle chegou a ver, quando ella entrou na carruagem. Também não se sabe se elle vio a ponta do pé sem querer, ou se buscou vê-la. Ambas as hypotheses são admissiveis aos dezennove annos de um rapaz academico. O Rochinha estudava direito em S. Paulo, e devia formar-se no anno seguinte; estava portanto nos ultimos mezes da liberdade escolastica; e fio que a leitora lhe perdoará qualquer intenção, se intenção houve n'aquella vista fugitiva. Mas, qualquer que fosse o motivo secreto, a verdade é que elle não ficou pensativo mais de dous minutos, accendeu um charuto e guiou para casa.

Esquecia-me dizer que a scena contada nos periodos anteriores passou-se na noite de 19 de Janeiro de 1871, em uma casa do bairro do Andarahy. No dia seguinte, dia de S. Sebastião, foi o Rochinha jantar com a prima; eram annos do marido d'esta. Achou lá Maria Luiza e o pai. Jantou-se, cantou-se, conversou-se, até meia noite, hora em que o Rochinha, esquecendo-se do signalzinho da moça, achou que ella estava muito mais bonita do que lhe parecia no fim da noite passada.

— Um signal que passa tão depressa de fealdade a belleza, observou o marido da prima, pode-se dizer que é o signal do teu captiveiro.

O Rochinha applaudiu este ruim trocadilho, sem enthusiasmo, antes com certa hesitação. A prima que estava presente, não lhe disse nada, mas sorria para si mesma. Era pouco mais velha que Maria Luiza, tinha sido sua companheira de collegio, quizera vel-a bem casada, e o Rochinha reunia algumas qualidades de um marido possivel. Mas não foram só essas qualidades que a levaram a prendel-o a Maria Luiza, e sim também a circumstancia de que elle herdaria do pai algumas propriedades. Parecia-lhe que um bom marido é um excellente achado, mas que um bom marido não pobre — era um achado

excellentissimo. Assim, não só fallava ao primo no signal de Maria Luiza, como fallava a Maria Luiza na elegancia do primo.

— Não duvido, dizia esta d'ahi a dias; é elegante, mas parece-me assim...

— Assim como?

— Um pouco...

— Acaba.

— Um pouco estroina.

— Que tollice! é alegre, risonho, gosta de palear, mas é um bom rapaz, e, quando preciso, sabe ser serio. Tem só um defeito.

— Qual? perguntou Maria Luiza, com curiosidade.

— Gosta de signaes côr de rosa ao canto da boca.

Maria Luiza deu uma resposta graciosamente brasileira, um muxoxo; mas a outra que sabia muito bem a multipla significação desse gesto, que tanto exprime o desdem, como a indifferença, como a dissimulação, etc., não se deu por abalada e menos por vencida. Percebera que o muxoxo não era da primeira nem da segunda significação; notou-lhe uma mixtura de desejo, de curiosidade, de sympathia, e jurou aos seus deuses transformal-o em um beijo de esposa, com uma significação sómente.

Não contava com a academia. O Rochinha partiu d'ahi a algumas semanas para S. Paulo, e, se deixou algumas saudades, não as contou Maria Luiza a ninguem; guardou-as consigo, mas guardou-as tão mal, que a outra as descobriu e leu.

— Está feito, pensou esta; um anno passa-se depressa.

Reflexão errada, porque nunca houve anno mais vagaroso para Maria Luiza do que esse, anno tropego, arrastado, feito para entristecer as mais robustas esperanças. Mas também que impaciencia alegre quando se aproximou a vinda do Rochinha! Não o encobria da amiga, que teve o cuidado de o escrever ao primo, o qual respondeu com esta phrase: « Se ha por lá saudades, também as ha por aqui e muitas: mas não diga nada a ninguem. » A prima, com uma perfidia sem nome foi contal-o a Maria Luiza, e com uma cegueira de igual quilate declarou isso mesmo ao primo, que, pela mais singular das complacencias, encheu-se de satisfação. Quem quizer que o entenda.

M. DE ASSIS.

(Continúa)

Assim pode-se dizer desde já com toda segurança:  
*Tal nariz, tal pollegar.*

\* \* \*

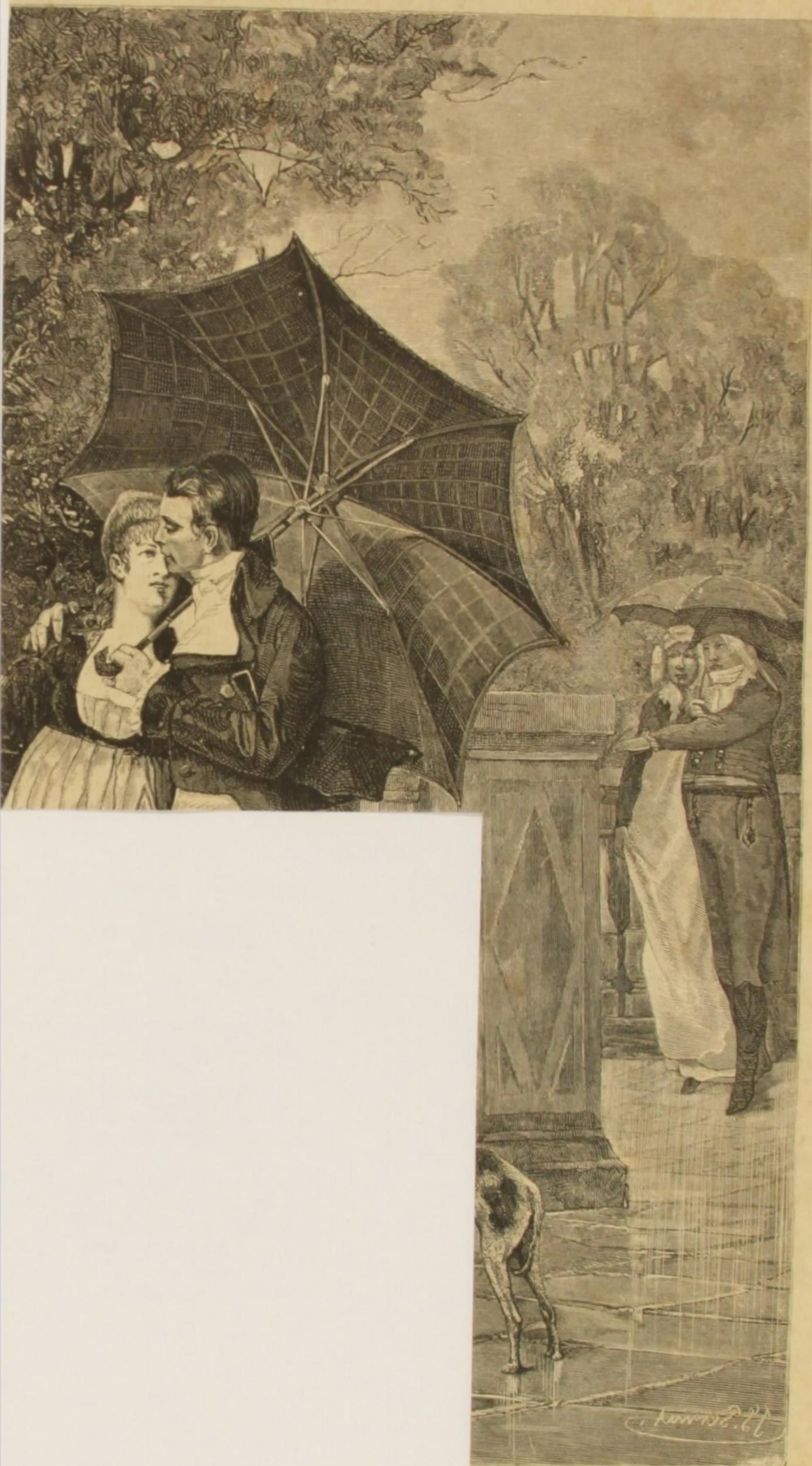
O nariz é a parte do rosto que só toma a sua forma definitiva quando o individuo chega á sua ultima evolução moral.

E' facil verificar este facto examinando o desenvolvimento progressivo do ente humano: na creança recém-

nascida as feições estão apenas esboçadas; mas a booca já está formada; o organo está em plena liberdade.

E' que a booca é o orgão principal da *vida do instincto*, e esta vida, precedendo as outras e começando com o individuo, é necessario que os seus orgãos nasçam e se desenvolvam com ella para satisfazer todas as exigencias.

Quanto aos orgãos da *vida intellectual*, o nariz, os olhos e as orelhas, estão vagamente debuxados no rosto do recém-nascido.



nat)

O nariz que se forma prematuramente é um mau indicio para o futuro.

Em resumo, é pelas linhas do nariz que o observador pôde julgar do movimento progressivo e regular do desenvolvimento do individuo.

Todo movimento muito rapido, sendo um signal flagrante de irregularidade, annuncia um desvio ou um fim fatal.

ALPHONSE BUE.

## LITTERATURA

## O CASO DA VIUVA

## II

Veiu o Rochinha de S. Paulo, e dahi em diante ninguém o tratou senão por Dr. Rochinha, ou quando menos, Dr. Rocha; mas já agora, para não alterar a guagem do primeiro capitulo, continuarei a dizer simplesmente o Rochinha, familiaridade tanto mais sculpavel, quanto mais a autorisa a propria prima elle.

— Doutor! disse ella. Creio que sim, mas lá para outras; para mim ha de ser sempre o Rochinha. Veio pois o Rochinha de S. Paulo, diploma na gibeira, saudades no coração.

Oito dias depois encontrava-se com Maria Luiza, usualmente na rua do Ouvidor, á porta de uma confeitaria; ia com o pai, que o recebeu muito amavelmente, não menos que ella, posto que de outra maneira. O pai chegou a dizer-lhe que todas as semanas, ás quintas-feiras, estava em casa.

O pai era negociante, mas não abastado nem prospero. A casa dava-lhe para viver, e não viver mal. Chamava-se Toledo, e contava pouco mais de noventa annos; era viuvo; morava com uma irmã viuva, que lhe servia de mãe á filha. Maria Luiza era o seu encanto, o seu amor, a sua esperança. Tinha da parte delle uma especie de adoração, que entre as pessoas da amizade passara a proverbio e exemplo. Elle tinha para si que o dia em que a filha lhe não desse o beijo da sahida era um dia fatal; e não attribuia a outra cousa o menor contentamento que lhe sobreviesse. Qualquer desejo de Maria Luiza era para elle um decreto do céu, que devia cumprir, custasse o que custasse. Dahi vinha que a propria Maria Luiza evitava muita vez fallar-lhe de alguma cousa que desejava, desde que a satisfação exigisse do parte do pai um sacrificio qualquer. Porque tambem ella adorava o pai, e nesse ponto nenhum devia nada ao outro. Ella o acompanhava até a porta da chacara todos os dias, para lhe dar o osculo da partida; ella o ia esperar para dar o osculo da chegada.

— Papaisinho como passou? dizia ella batendo-lhe na face. E, de braço dado, atravessavam toda a chacara, unidos, palreiros, alegres como dous namorados felizes. Um dia Maria Luiza, em conversa, á sobre-casa, com pessoas de fóra, manifestou grande curiosidade de vêr a Europa. Era pura conversa, sem outro alcance; comtudo, não passaram despercebidas ao pai as suas palavras. Tres dias depois, Toledo consultou seriamente a filha se queria ir dahi a quinze dias para a Europa.

— Para a Europa? perguntou ella um tanto espantada.

— Sim. Vamos?

Não respondeu Maria Luiza immediatamente, tão vacillante si vio entre o desejo secreto e o inesperado a proposta. Como reflectisse um pouco, perguntou si mesma si o pai podia sem sacrificio realizar a viagem, mas sobre tudo não atinou com a razão desta.

— Para a Europa? repetio.

— Sim, para a Europa, disse o pai rindo; mette-a gente no paquete, e desembarca lá. E' a cousa mais simples do mundo.

Maria Luiza ia dizer-lhe talvez que sim; mas recordou-se subitamente das palavras que proferira antes, e suspeitou que o pai faria apenas um sacrificio pecuniario e pessoal, para o fim de lhe imprimir o desejo. Então abanou a cabeça com um sorriso triumphante.

— Não, senhor, deixemo-nos da Europa.

— Não?

— Nem por sombras.

— Mas tu morres por lá ir...

— Não morro, não senhor; tenho vontade de ver a Europa e hei de vel-a algum dia, mas muito mais tarde... muito mais tarde.

— Bem, então vou só, redarguiu o pai com um sorriso.

— Pois vá, disse Maria Luiza erguendo os ombros.

E assim acabou o projecto europeu. Não só a filha recebeu o motivo da proposta do pai, como este comprehendeu que esse motivo fóra descoberto; nenhum delles, todavia, alludio ao sentimento secreto do outro.

Toledo recebeu o Rochinha, com muita affabilidade, quando este lá foi n'uma quinta-feira, duas

semanas depois do encontro na rua do Ouvidor. A prima de Rochinha tambem foi, e a noite passou-se alegremente para todos. A reunião era limitada; os homens jogavam o voltarete, as senhoras conversavam de rendas e vestidos. O Rochinha e mais dois ou tres rapazes, não obstante essa regra, preferiam o circulo das damas, no qual, além dos vestidos e rendas, tambem se fallava de outras damas e de outros rapazes. A noite não podia ser mais cheia.

Não gastemos tempo em episodios miudos; imitemos o Rochinha, que ao cabo de quatro semanas, preferiu uma declaração franca á multidão de olhares e boas palavras. Com effeito, elle chegara ao estado agudo do amor; a ferida era profunda, e sangrava; urgiu estancar-a e cural-a. Urgia tanto mais fazer-lhe a declaração, quanto que da ultima vez que esteve com ella, encontrara-a um pouco acanhada e calada, e, á despedida, não teve o mesmo aperto de mão do costume, um certo aperto mysterioso, singular, que se não aprende e se repete com muita exactidão, e pontualidade, em certos casos de paixão concentrada ou não concentrada. Pois nem esse aperto de mão; a de Maria Luiza parecia-lhe fria e fugidia.

— Que lhe fiz eu? dizia elle consigo, ao retirar-se para casa.

E buscava recordar todas as palavras do ultimo encontro, os gestos, e nada lhe parecia autorisar qualquer suspeita ou resentimento, que explicasse a subita frieza de Maria Luiza. Como já então houvesse entrado na confidencia dos seus sentimentos á prima, disse-lhe o que se passara, e a prima, que reunia ao desejo de ver casada a amiga, certo pendor ás intrigas amorosas, metteu-se a caminho para a casa desta. Não lhe custou muito descobrir a Maria Luiza a secreta razão de sua visita, mas pela primeira vez, achou a outra reservada.

— Você é bem cruel, dizia-lhe rindo; sabe que o pobre rapaz não suspira senão por um ar de sua graça, e trata-o como se fosse o seu maior inimigo.

— Póde ser. Onde é que você comprou esta renda?

— No Godinho. Mas, vamos; você acha o Rochinha feio?

— Ao contrario, é um bonito rapaz.

— Bonito, bem educado, intelligente...

— Não sei como é que você ainda gosta desse chapéu tão fóra da moda...

— Qual fóra da moda!

— O brinco é que ficou muito bonito.

— E' uma perola...

— Perola este brinco de brilhante?

— Não, fallo do Rochinha. E' uma verdadeira perola; você não sabe quem está alli. Vamos lá; creio que não lhe tem odio...

— Odio porque?

— Mas...

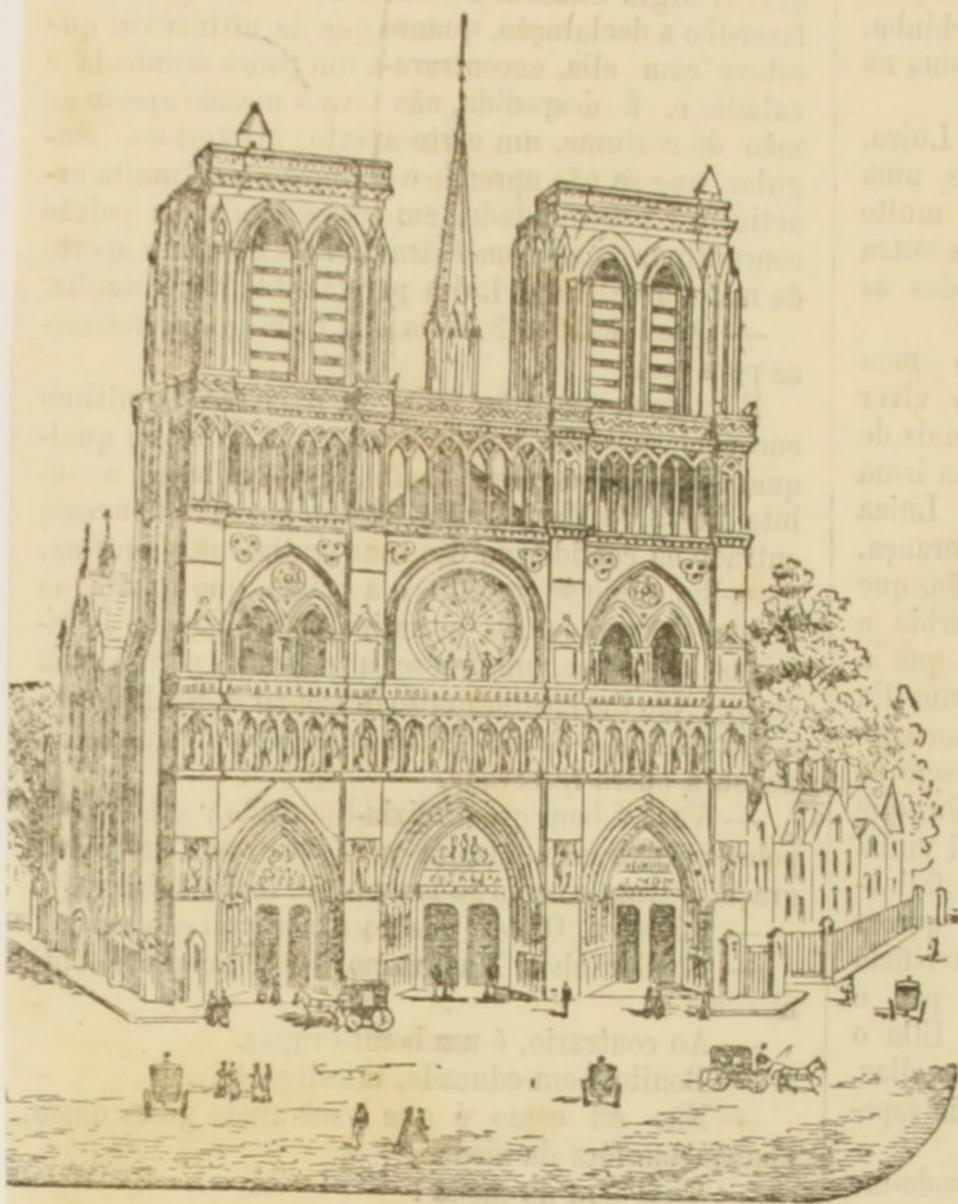
Quiz a má fortuna do Rochinha que a tia de Maria Luiza viesse ter com ella, de maneira que a prima delle não poudesse acabar a pergunta que ia fazer, e que era simplesmente esta: — Mas amor? — pergunta decisiva, a que Maria Luiza devia responder, ainda que fosse com o silencio. Não produzindo esta entrevista o desejado effeito, antes parecendo confirmar os receios do Rochinha, entendeu este que era melhor e mais prompto ir directamente ao fim, e declarar-lhe elle mesmo o que sentia, solicitando uma resposta franca e definitiva. Foi o que fez na seguinte semana.

MACHADO DE ASSIS.

(Continúa.)

# NOTRE-DAME DE PARIS

LOZENS DO IMPERIO NA ESPECIALIDADE DE FAZENDAS E MODAS. — RIO DE JANEIRO



## E A' VISTA

### LARGO DE

SÃO

### Francisco de Paula

E

### TRAVESSA

DO

### ROSARIO

# EL DÉCAP

ono lucro e a maior boa fé é absoluto no estabelecimento de NOTRE-

ente applicado, é devida uma aceitação nunca desmentida até hoje.  
mento.

o qual se acha marcado em algarismos o *preço fixo*.

prada que não corresponde á garantia dada ou não agrada, é sem diffi-

rmações, pedir troca de artigos ou  
idos a maior cortezia. Devem elles  
onhecidamente boas.

e dirigirem-se á *Caixa*, onde serão

ada as mais afastadas, as amostras  
cartas, avia com toda a brevidade  
pessoas que lhe communicarem o

es, quer para senhoras, quer para

## LITTERATURA

## O CASO DA VIUVA

## III

Ha duas maneiras de pedir uma decisão, em casos serios: fallando ou escrevendo, Jacob não usou a cousa nem outra; foi directamente ao pae de chel, e obteve-a a troco de sete annos de trabalho. Jacob, como se deixo um espectáculo aborrecido. Não estava o nosso Rochinha disposto a estar tanto tempo.

— Nada, disse elle consigo uma semana depois, o hade acabar agora, immediatamente. Se não for não queira...

Não lhe deem credito; elle fallava assim, para ganhar-se a si próprio, para fazer crêr que deixava o amor, como se deixo um espectáculo aborrecido. Não lhe deem credito. Estava então em casa, á rua dos Invalidos, olhando para a ponta da chinella turca marroquina, que trazia nos pés, tendo na mão um retrato de Maria Luiza. Era uma photographia que lhe dera a prima, um mez antes. A prima pedira-a a Maria Luiza, dizendo-lhe que era para dar a uma amiga; e Maria Luiza deu-lh'a; apenas a apanhou consigo, disse-lhe a amiga que não era para mimar nenhuma amiga, mas ao proprio primo que morava por ella. Então Maria Luiza estendeu a mão para mostrar-lhe o retrato, protestou, arrufou-se, tudo isso com um mal fingido, que a amiga não teve remorsos do que fez e entregou o retrato ao primo. Era o retrato que elle tinha nas mãos, á rua dos Invalidos, sendo n'uma extensa cadeira americana; dividia os olhos entre o retrato e as chinellas, sem poder acabar de resolver-se a alguma cousa.

— Vá, disse elle emfim; é preciso acabar com isto.

Levantou-se, foi á secretaria, tirou uma folha de papel, passou-lhe as costas da mão por cima, e pegou a penna.—Vá, repetiu; mas repetiu sómente, a penna não ia. Accendeu um cigarro, e nada; foi á janela, e nada. E, comtudo, amava-a e muito; mas por isso, ou por outro motivo, não achava que valia o papel. Chegou a pôr diante de si o retrato de Maria Luiza; foi peor. A imagem da moça movia-lhe todos os movimentos do espirito. Não podia elle comprehender este phenomeno; atirou a penna no chão, e mudou de ideia: falar-lhe-hia directamente.

Dous dias depois foi á casa de Toledo. Achou Maria Luiza na chacara, com a tia e outra senhora; não deixou passar a primeira occasião que se lhe ofereceu de dizer alguma cousa. Com effeito, é certo que abriu a bocca, e pôde affirmar-se que a palavra —Eu—rompeu-lhe dos labios, mas tão a medo, e tão surda, que ella não a ouviu. Ou se a ouviu, disse-lhe cousa differente; perguntou-lhe se tinha ido ao theatro.

— Não, senhora, disse elle.

— Pois nós fomos outro dia.

— Ah!

Maria Luiza começou a contar-lhe a peça, com tanta miudeza e cuidado, que o Rochinha ficou profundamente triste. Não viu, não reparou que a voz de Maria Luiza parecia ás vezes alterada, que ella não ousava fital-o muito tempo, e que, apesar do cuidado com que reconstituia a peça, atrapalhava-se uma ou duas vezes. Não viu nada; estava entregue a uma ideia fixa, ou antes ao fixo sentimento que nutria por ella, e não viu nada. A noite caiu logo e não foi o melhor para elle; Maria Luiza evitava-o, ou só lhe fallava de cousas futeis.

Não se deteve o Rochinha um dia mais. Naquella mesma noite minutos a carta decisiva. Era longa, e effusa, cheia de repetições, mas ardente, e verdadeiramente sentida. No dia seguinte copiou-a, mandou-a... Custa-me dizel-o, mas força é dizel-o; mandou-a pela prima. Esta foi, nessa mesma noite, a casa de Maria Luiza; disse-lhe em particular que trazia um segredo, um mimo, uma cousa.

— Que é? perguntou a amiga.

— Esta bocetinha.

Deu-lhe uma bocetinha de tartaruga fechada, crescentando que só a abrisse no quarto, ao deitar, não fallasse della a ninguem.

— Um mysterio, concluiu Maria Luiza. Cumpriu o que promettera á outra; abriu a bocetinha, no quarto, e viu dentro um papel. Era uma carta, sem sobrescripto; suspeitou logo o que fosse, fechou o papel na boceta, pol-a de lado, e foi despir-se. Estava nervosa, inquieta. Tinha uns esquecimentos

longos; destoucou-se, por exemplo, em tres tempos, intervallando-os de um comprido olhar apathico cravado no espelho. N'uma dessas vezes sentou-se n'uma cadeira, e ficou á toa com os braços cahidos no regaço; repentinamente ergueu-se e murmurou: — Impossivel! Acabemos com isto.

Foi acabar de despir-se, mas dessa vez de um modo febril, impaciente, como quem busca fugir de si propria. Ainda ahí, ao calçar a chinellinha de marroquim, esqueceu-se e ficou um instante com os olhos no pé nú, alvo de leite, traçado de linhas azues. Emfim preparou-se para dormir. Sobre o toucador continuava a boceta, fechada, com um certo ar de mysterio e desafio. Maria Luiza não olhava para ella; ia de um para outro lado, evitando-a, naturalmente receiosa de fraquear e lêr.

Resou. Tinha a um canto do quarto um pequeno oratorio com uma imagem da Conceição, á qual resou com fervor, e pode ser que lhe pedisse força para resistir á tentação de ler a carta. Acabou de resar, e abriu uma janella. A noite estava serena, o ar limpo, as estrellas de uma nitidez encantadora. Maria Luiza achou na vista do céu e da noite uma força dissovente da coragem que até então soubera têr. A vista da natureza grande e bella chamou-a á propria natureza, e o coração pulou-lhe no peito com violencia singular. Então pareceu-lhe ver a figura do Rochinha, bonito, elegante, cortez, apaixonado; recordou as differentes phases das relações, desde o baile em que dansaram juntos. Já já longos mezes desde essa noite, e ella recordava-se de todas as circumstancias da apresentação. Pensou finalmente na conversa da vespera, do ar preocupado que vira n'elle, da indecisão, do acanhamento, como se quizesse dizer-lhe alguma cousa, e receasse fazel-o.

— Amar-me-ha muito? perguntou Maria Luiza a si mesma.

E esta pergunta trouxe-lhe a consideração de que, se elle a amasse muito, podia padecer igualmente muito, com a simples e formal recusa da carta. Que tinha que a lesse? Era até conveniente fazel-o, para saber na realidade o que é que elle sentia, e que resposta daria ella á amiga. Foi dalli ao toucador, onde estava a boceta, abriu-a, tirou a carta e leu-a.

Leu-a é pouco; Maria Luiza releu a carta, não uma, senão tres vezes. Era a primeira carta de amor que recebia, circumstancia sem valor, ou de valor escasso, se fosse uma simples folha de papel escripta, sem nenhuma correspondencia no coração della. Mas como explicar que alguns minutos depois de reler a carta, Maria Luiza se deixou cahir na cama, com a cabeça no travesseiro, a chorar silenciosamente? Era claro que entre o coração della e a carta existia algum vinculo mysterioso.

No dia seguinte, Maria Luiza levantou-se cedo, com os olhos murchos e tristes; disse ao pae e á tia que não pudera dormir uma parte da noite, por causa dos mosquitos. Era uma explicação; o pae e a tia aceitaram-na. Mas o paecuidou dar-lhe um cordial, segredando ao ouvido da filha uma palavra, — esta palavra:

— Creio que é hoje.

— Hoje? repetiu ella.

— O pelido.

— Ah!

Toledo franzia a testa, ao ver que a filha empalidecera, e ficou triste. Maria Luiza comprehendeu, sorriu e lançou-lhe os braços ao pescoço.

— Acho que elle escolheu mau dia, disse ella; a inscnnia faz-me doente... Que é isso? que cara é essa?

— Tu estás mentando, minha filha... Se não é de teu gosto, fál'a; estamos em tempo.

— Já lhe disse que é muito e muito do meu gosto.

— Juras?

— Que ideia! Juro.

Riu-se ainda uma vez, abarando a cabeça, com um ar de reprensão, mas parece que fazia violencia a si mesma, porque desde logo deixou o pae. Se a leitora imagina que Maria Luiza foi outra vez chorar, mostra que ainda a não conhece; Maria Luiza foi descançar o espirito, longe de um objecto que a mortificava; ao mesmo tempo foi cogitar na resposta que daria ao Rochinha, cuja carta não leu mais em todo aquelle dia,—não se sabe se para não augmentar a afflicção, unicamente para não a decorar de todo. Uma e outra cousa eram possíveis.

MACHADO DE ASSIS.

(Continúa)



RUBENS E SUA NOIVA. (Quadro de P. P. Rubens)

NO D  
P  
OU  
O s  
DAME  
A es  
El  
Em  
Toda  
uldade  
Quer  
estituç  
pontar  
Roga-s  
empre to  
A adm  
preços e  
s artigos  
em nome  
Para as  
riaucas, u